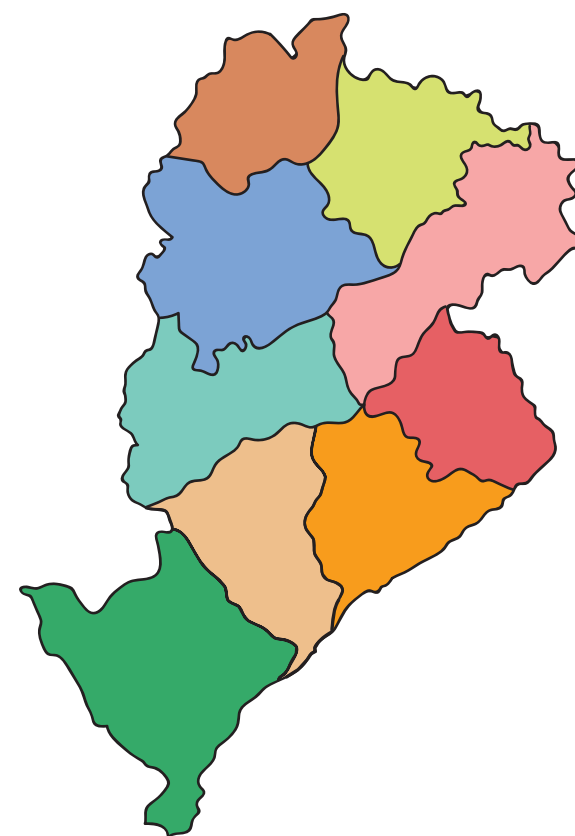


Atlas afetivo da infância em Belo Horizonte



Biblioteca Professor Antônio Luiz Paixão - FAFICH
TEL. 3409-6318

Ficha catalográfica

Atlas afetivo da infância em Belo Horizonte / organização,
Levindo Diniz Carvalho, Luciana Maciel Bizzotto. - Belo Horizonte:
NEPEI/UFMG, 2024.

1 recurso online (31 p. : il.) : pdf
ISBN: 978-65-983686-4-7

1. Infância. 2. Crianças – Belo Horizonte (MG) – Condições
sociais. 3. Cidadania. I. Carvalho, Levindo Diniz, 1978-. II. Bizzotto,
Luciana Maciel.

CDD: 303.484
CDU: 369.4

Ficha catalográfica elaborada por Vilma Carvalho de Souza – Bibliotecária -
CRB-6/1390

Equipe de elaboração do
"Atlas afetivo da infância
em Belo Horizonte"

Coordenação e pesquisa:
Levindo Diniz Carvalho
Luciana Maciel Bizzotto

Criação:
André Siqueira
Marcela Figueiredo
Vítor Lagoeiro
(Micropolis)

Equipe do projeto "Direitos de crianças
e adolescentes: diagnóstico no município
de Belo Horizonte, Minas Gerais"

Coordenação:
Levindo Diniz Carvalho
Isabel Oliveira e Silva
Iza Rodrigues da Luz

Pesquisadora convidada:
Maria Cristina Soares de Gouvea

Equipe de pesquisa:
Aline Regina Gomes
Bruna D´Carlo Rodrigues de Oliveira Ribeiro
Daniel Santos Braga
Kassiane dos Santos Oliveira
Lais Caroline Andrade Bitencourt
Lucas Ramos Martins
Luciana Maciel Bizzotto
Maressa de Castro Santos

Auxiliares de pesquisa:
Ana Carolina Ferreira da Silva
Ana Júlia Lopes Souza
Floriana Friese Soliva Soria
Isabela Karolliny Fraga Neves
João Gabriel Soares da Cunha

REALIZAÇÃO:



APOIO:

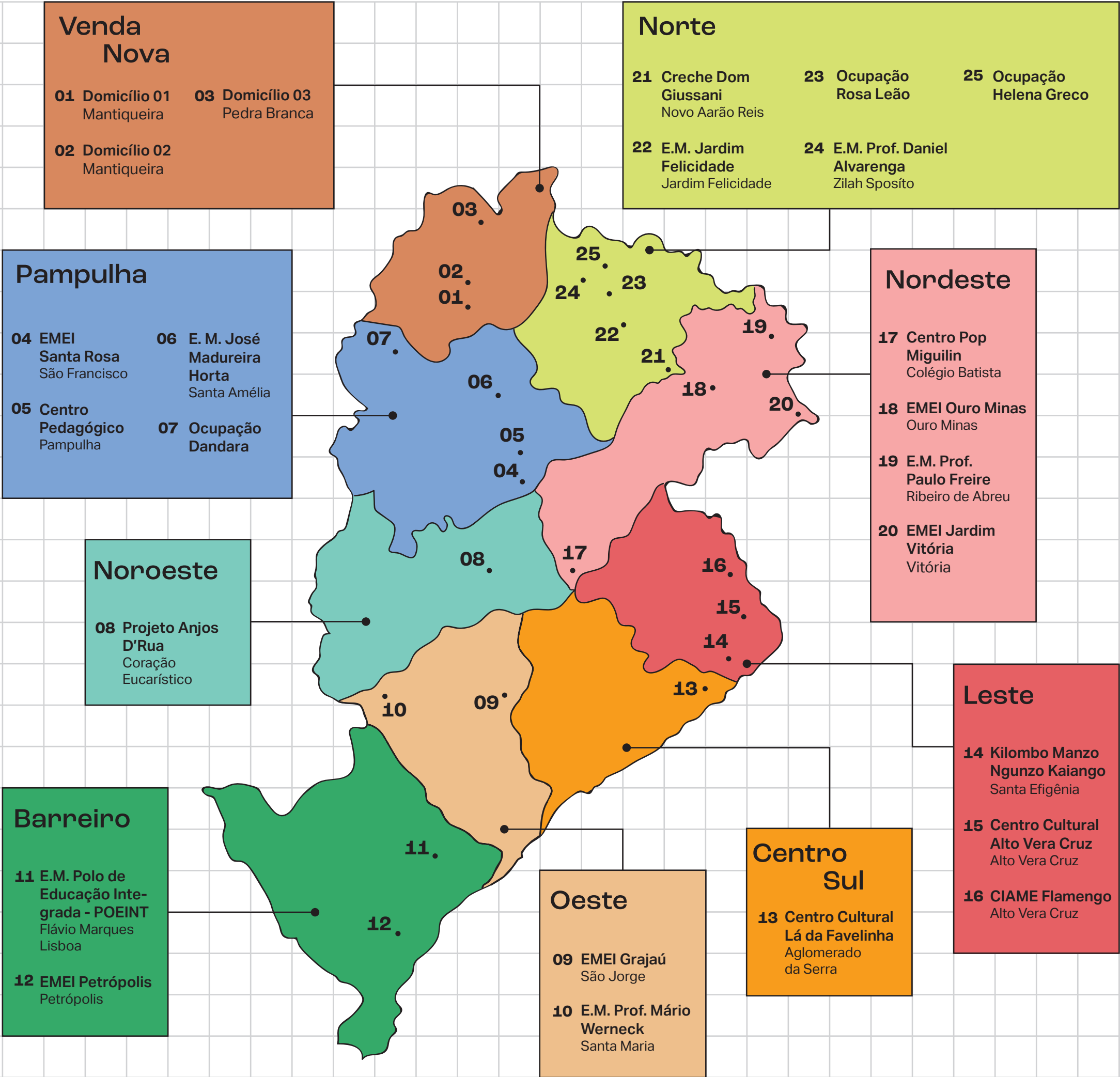


Sumário													
Apresentação													
03		Vizinhança: Mantiqueira				12		Sonhos para uma cidade melhor				24	
Lugares em que conversamos com as crianças													
04		Crianças e adultos na cidade				13		Imaginando a paisagem				25	
As crianças participantes deste Atlas													
05		Brincadeiras e culturas infantis				14							
Jeitos de conversar com as crianças													
06		Educação na cidade				16							
Vizinhança: Jardim Felicidade													
08		Circular pela cidade				19							
Vizinhança: Agglomerado da Serra													
09		Segurança e violência				21							
Vizinhança: Ocupações Vitória, Helena Greco e Rosa Leão													
10		Saúde e qualidade de vida				22							

**Levindo Diniz Carvallho e
Luciana Maciel Bizzotto**

Lugares em que conversamos com as crianças

De modo a abranger realidades diversas experimentadas por crianças e bebês na cidade, os processos de escuta para a construção deste Atlas aconteceram em 23 contextos diferentes, distribuídos em 22 bairros das 9 regionais de Belo Horizonte. Como resultado, uma ampla variedade de espaços foi contemplado, como escolas, creches, centros culturais, comunidades quilombolas, ocupações urbanas, serviços sociais e residências. Neste mapeamento, apresentamos a localização desses diferentes locais distribuídos por Belo Horizonte.



As crianças participantes deste Atlas

Este Atlas foi realizado a partir de um processo de escuta junto a crianças e bebês que se deu no âmbito da pesquisa "Direitos das crianças e adolescentes: diagnóstico do município de Belo Horizonte", e apresenta uma parte dos resultados deste trabalho. A pesquisa ouviu 234 crianças de zero a doze anos, sendo 126 meninas e 106 meninos, dentre as quais 53 brancas, 83 pardas, 80 negras e 18 indígenas. Vale destacar que também participaram da pesquisa crianças quilombolas e crianças venezuelanas da etnia Warao, residentes em Belo Horizonte.

Venda Nova

- 1 menina, 5 meninos
- 2 pretos, 4 brancos
- 1 adulta branca, 1 adulta preta
- 5 - 14 anos

Pampulha

- 3 adultas
- 29 meninas, 27 meninos
- 18 indígenas (Warao), 12 pretos, 8 brancos, 25 pardos
- 1 - 12 anos

Noroeste

- 12 meninas, 3 meninos
- 11 pretos, 4 brancos
- 6 - 12 anos

Barreiro

- 23 meninas, 18 meninos
- 10 pretos, 14 brancos, 19 pardos
- 4 - 5 anos, 11 - 14 anos

Norte

- 14 meninas, 10 meninos
- 9 pretos, 7 branco, 8 pardos
- 1 adulto, 4 adultas
- 1 - 12 anos

Nordeste

- 19 meninas, 23 meninos
- 14 pretos, 8 brancos, 20 pardos
- 2 - 11 anos

Leste

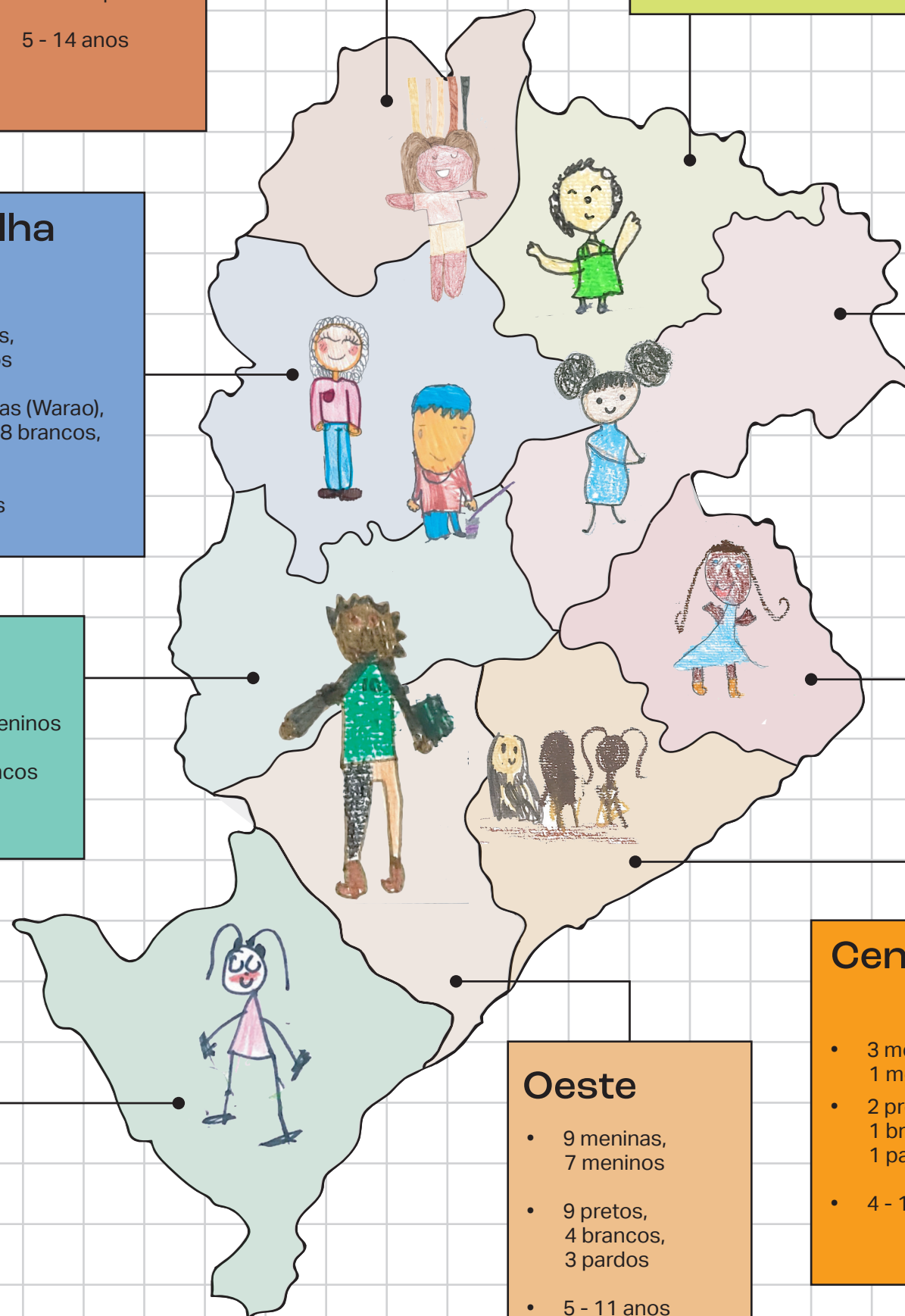
- 2 adultas pretas
- 3 meninas, 5 meninos
- 3 pretos, 1 branco, 4 pardos
- 2 - 12 anos

Centro Sul

- 3 meninas, 1 menino
- 2 pretos, 1 branco, 1 pardo
- 4 - 12 anos

Oeste

- 9 meninas, 7 meninos
- 9 pretos, 4 brancos, 3 pardos
- 5 - 11 anos



Jeitos de conversar com as crianças

A escuta para a elaboração deste Atlas aconteceu de diferentes maneiras. Isso é um reflexo da diversidade dos sujeitos e de seus contextos, mas também da compreensão de que a escuta das crianças deve acontecer por meio de diferentes formas e não apenas mediante uma "entrevista" formal. O grupo buscou criar situações e ambientes onde crianças e bebês se sentissem à vontade para compartilhar suas vivências e seus pontos de vista em relação aos seus direitos e à sua experiência urbana. Apresentamos aqui uma síntese de todas as abordagens metodológicas adotadas pela equipe.

Caixa de perguntas



A metodologia da Caixa de Perguntas envolveu entrevistas com crianças, utilizando uma caixa com perguntas e imagens como estímulos. As crianças selecionavam perguntas da caixa e compartilhavam suas respostas, enquanto as imagens enriqueciam a expressão de suas experiências sobre direitos infantis e vida na cidade.

Cartografia do cotidiano



A impressão de um mapa do bairro foi a base para uma atividade em que as crianças usaram adesivos para marcar locais importantes de sua comunidade. Cartas de perguntas guiaram as escolhas de adesivos a cada rodada, as quais 'incluíam, entre outras: "Onde é a sua casa?"; "Onde você estuda?"; "Qual lugar mais gosta?", entre outras.

Desenhos



A produção de desenhos é amplamente adotada em pesquisas com crianças para apreender sua elaboração sobre o mundo. Para este mapeamento, ela se deu em um ambiente propício para a concentração e compartilhamento de experiências entre as crianças, permitindo uma expressão visual intimista de suas perspectivas sobre direitos infantis e vivências na comunidade. Em alguns casos, os desenhos eram temáticos e, em outros, livres.

Entrevista semi-estruturada



Diante dos desafios de realizar uma escuta sensível dos bebês, o que envolve a adoção de estratégias com o uso de signos e demanda tempo e espaços específicos, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com as mães de bebês. Elas se orientaram a partir de um roteiro de perguntas que estimulou discussões sobre suas percepções e experiências em relação aos direitos dos bebês.

Foto-elicitacão



A metodologia de foto-elicitacão utiliza fotos e imagens como ferramenta central para organizar e conduzir conversas. As imagens proporcionam um ponto de partida visual que facilita a expressão de experiências, percepções e entendimentos durante a discussão.

Carta ao prefeito



A escrita da carta surgiu como indicação das próprias crianças, como síntese de uma roda de conversa sobre direitos mediada pela leitura de um livro. Na carta, elas fizeram um resumo das reivindicações e sugestões de melhorias direcionadas às necessidades das crianças na comunidade.

Desenho com carimbos



Em alguns dos campos, foi realizada uma atividade na qual as crianças criaram uma paisagem urbana com 19 carimbos de elementos da cidade. Na atividade, as crianças começam retratando seu bairro como ele é e depois são convidadas a imaginar o bairro caso tivessem uma varinha mágica para transformá-lo.

Contação de histórias



A contação de histórias parte da mediação de uma conversa com crianças e bebês a partir da leitura de um livro ou reprodução de uma história oral. Foram escolhidas obras que tratassem de temas como casa, comunidade, escola e relações de cuidado, proporcionando um espaço para discussões e reflexões sobre suas próprias experiências e perspectivas.

Roda das emoções



A roda das emoções busca associar sentimentos a experiências vivenciadas em determinados locais da cidade. A cada rodada é revelada uma imagem do bairro ou da cidade de Belo Horizonte. As crianças são então convidadas a demarcarem as emoções despertadas por cada foto. Ao longo do jogo, as crianças compartilham suas percepções e ideais sobre diferentes espaços urbanos.

Visita domiciliar e passeio pelo entorno da casa



A visita domiciliar permitiu refletir com crianças que vivem em áreas de vulnerabilidade territorial sobre as suas condições de moradia, por meio de uma conversa com a família no interior da moradia. Já o passeio pelo entorno da casa foi uma caminhada a pé por pontos importantes presentes no cotidiano das crianças durante sua circulação pelo bairro, como casas de amigos e parentes, escola, igreja, posto de saúde, praça e mercado.

Vizinhança: Jardim Felicidade

A partir de perguntas sobre sua rotina e lugares favoritos, as crianças do Jardim Felicidade nos guiaram pelo território, evidenciando relações de vizinhança e pertencimento.

Para além do local da rotina, marcado pelo deslocamento diário para a escola, o bairro também é espaço de afeto e de lazer. Em um primeiro momento, ele é conhecido a partir das relações familiares, como é possível perceber a partir da recorrente menção de visita à casa de avós e parentes que moram nas proximidades. Durante os fins de semana, diversos espaços ligados ao consumo, alimentação e diversão aparecem nas falas que mencionam lanchonetes, restaurantes e espaços públicos locais.

Eu jogo bola na casa da minha avó. Não gosto de jogar no campinho porque para chegar lá tem muita escada no caminho.

Sandro, menino, 11 anos, heteroidentificado preto.

Eu levaria uma criança que nunca foi ao bairro na hamburgueria do Didi. Lá é muito gostoso!

Emília, menina, 12 anos, heteroidentificada parda.

Aos fins de semana eu fico mais em casa assistindo Netflix.

Sandro, menino, 11 anos, heteroidentificado preto.

Eu levaria na casa da minha avó, a comida dela é a melhor.

Emília, menina, 12 anos, heteroidentificada parda.

Eu levaria na Pizzaria do Índio, que é o melhor restaurante do bairro.

Bianca, menina, 12 anos, heteroidentificada preta.

Gosto de ir no salão (de beleza) da amiga da minha mãe, o pessoal lá é gente boa, são todas minhas amigas. Gosto de ouvir fofocas.

Emília, menina, 12 anos, heteroidentificada parda.

Vou à casa do meu pai. A gente costuma subir o morrão da área comercial que é lá perto para soltar papagaio.

Sandro, menino, 11 anos, heteroidentificado preto.

Não gosto da biquinha porque ninguém cuida. Poderiam limpar, fazer um tratamento na água. Tá bonitinha mas poderia ser bem melhor. Não somente a prefeitura deveria cuidar, mas todas as pessoas do bairro.

Bianca, menina, 12 anos, heteroidentificada preta.

Ah, eu acho a biquinha bonita. Minha tia participou de um vídeo que fizeram sobre a biquinha.

Emília, menina, 12 anos, heteroidentificada parda.

Gostaria de levar uma criança que nunca veio aqui no bairro na ABAFE (Associação Comunitária do Bairro da Felicidade) pois nunca entrei e gostaria de descobrir como é.

Heitor, menino, 12 anos, heteroidentificado branco.

LEGENDA:



Onde você mora?



Onde você estuda?



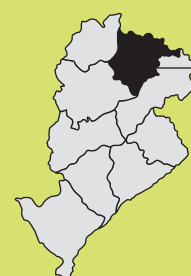
Qual seu lugar preferido?



Para onde você levaria uma criança que nunca foi ao bairro?



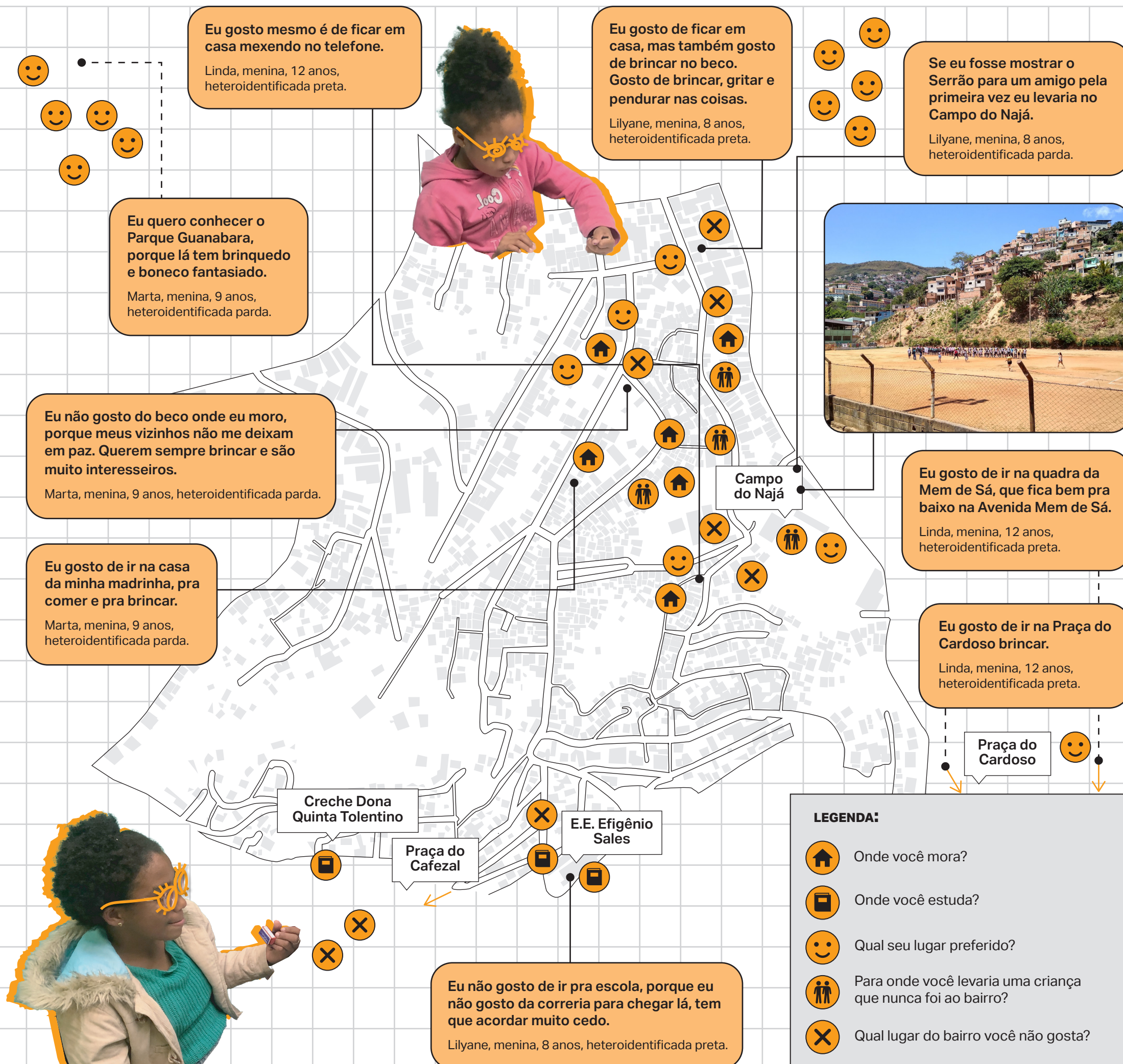
Onde você vai aos fins de semana?



Vizinhança: Aglomerado da Serra

Orientadas por perguntas relacionadas às suas atividades cotidianas, as crianças do Aglomerado da Serra mapearam sua vizinhança, destacando pontos que representam suas experiências e vivências daquele território. O mapeamento incluiu a marcação de espaços significativos, como suas escolas, residências, espaços comunitários, locais de lazer frequentados nos fins de semana, lugares que recomendariam para amigos visitarem pela primeira vez e também lugares que não gostam.

Essa atividade desencadeou uma série de diálogos sobre os direitos da infância e adolescência, como a avaliação da qualidade dos espaços públicos, a disponibilidade de espaços para brincadeira, os desafios enfrentados para acessar a escola e a maneira como a exploração do território local está intimamente ligada às relações afetivas das crianças, seja por laços familiares, seja por amizades.



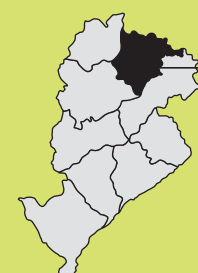
Vizinhança: Ocupações Vitória, Helena Greco e Rosa Leão

As crianças das ocupações Rosa Leão, Vitória e Helena Greco nos guiaram pelo território, evidenciando os desejos, sentimentos e olhares em relação ao espaço.

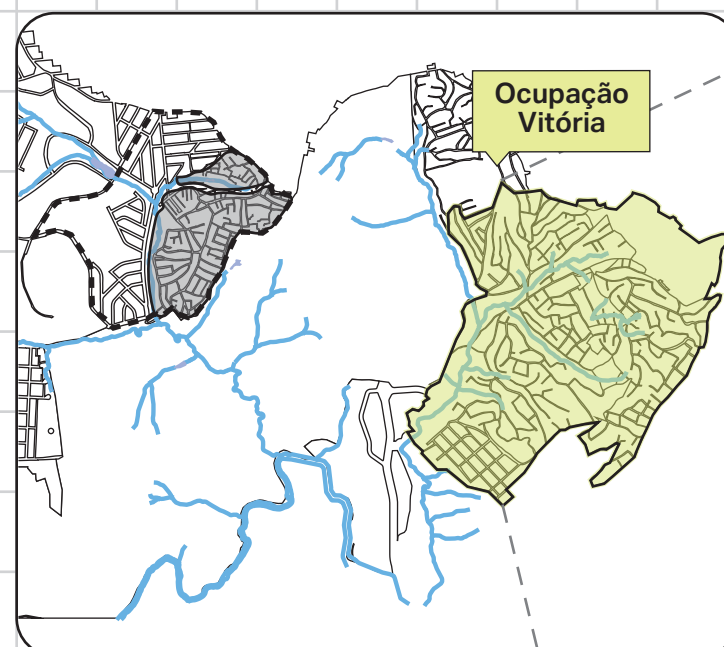
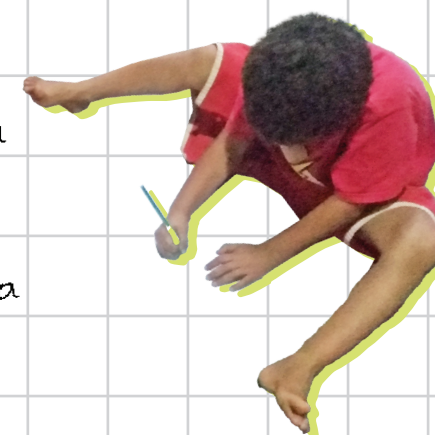
Na Rosa Leão, a escrita de uma carta ao Prefeito revelou denúncias e a reafirmação de sua ação política no território.

Em um encontro com crianças da ocupação Vitória em uma escola, elas nos apresentam a entrada da ocupação que marca a passagem do chão de terra para o asfalto da rua.

Em um passeio com crianças da ocupação Helena Greco pelo entorno de onde moram, experimentamos o brincar permeado pela precariedade da ausência de infraestrutura urbana mas também pela potência da relação com a natureza, onde as famílias convivem com o brejo, o barranco, cavalos e pés de manga e banana. O olhar da criança sobre a moradia é priorizado pelo brincar, demonstrando que o brincar é um direito.



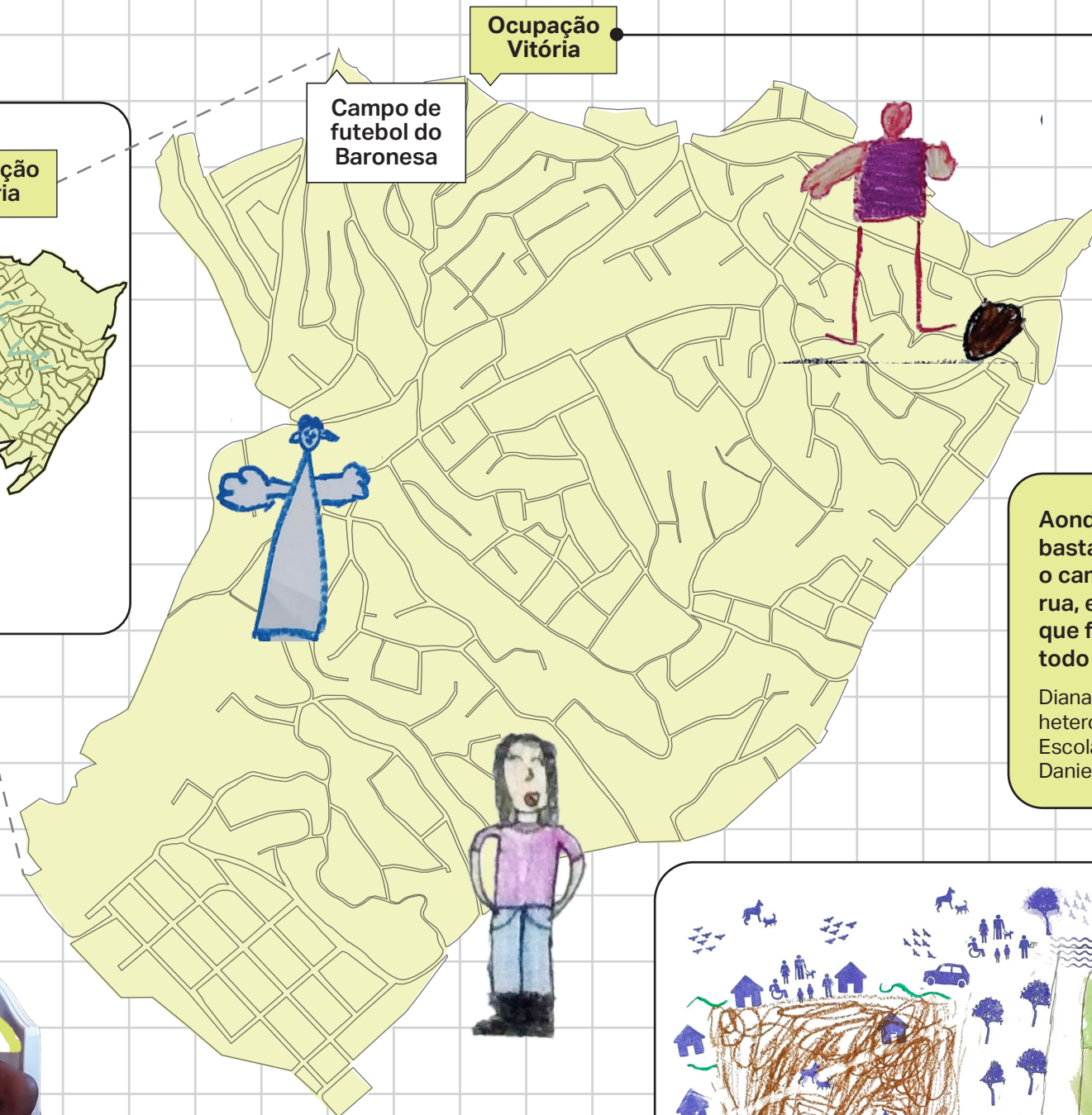
Queremos um lugar de lazer para as crianças, mais perto, ~~queremos uma~~ Com telhado com sombra, bebedouros, brinquedos para crianças maiores de idade, proteção da polícia



Ocupação Vitória

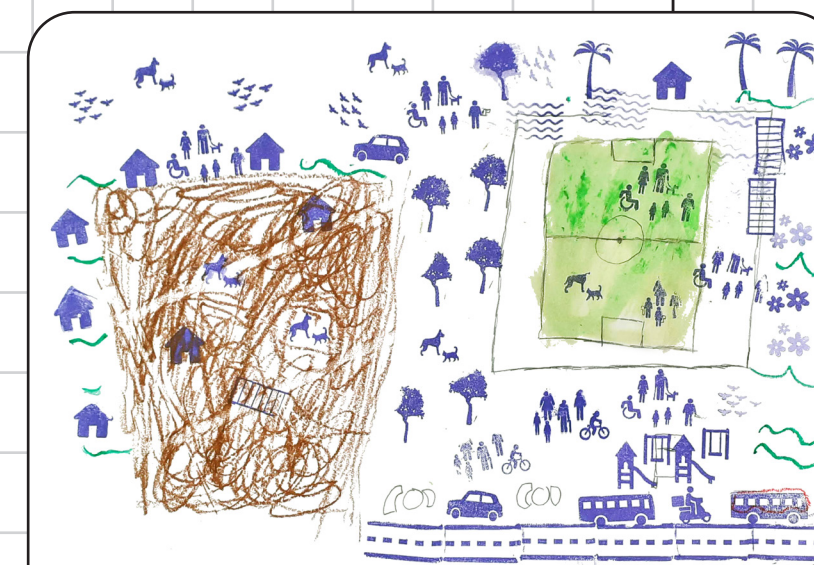
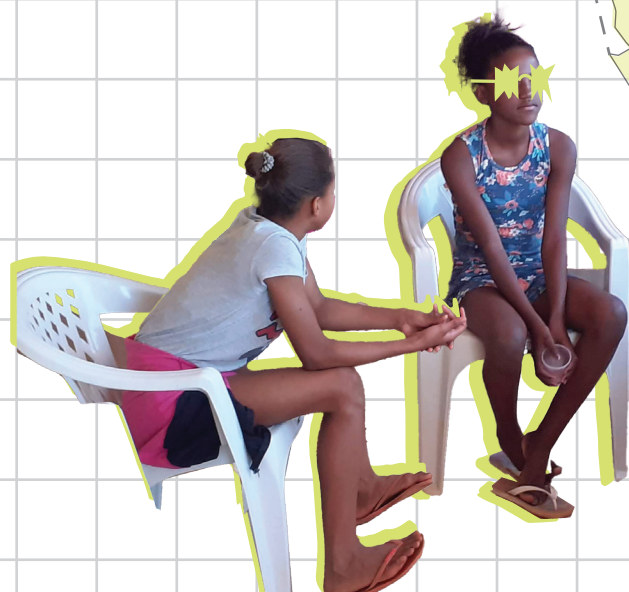
Campo de futebol do Baronesa

Ocupação Vitória



Aonde eu moro tem bastante natureza, tem o campo, pracinha, a rua, e essas casas aqui, que fica espalhada pra todo lado.

Diana, menina, 9 anos, heteroidentificada preta, Escola Municipal Professor Daniel Alvarenga.



Vizinhança: Ocupações Vitória, Helena Greco e Rosa Leão



Eu gosto de brincar aqui com meu irmão. Tem tipo uma casinha, olha. A gente brinca aqui, casa um tem o seu quartinho. Minha irmã fica mais aqui, onde tem brita, porque ela gosta de brita. Aqui, olha, são os restos de bambu. Eu gosto de ficar brincando de espada e pesca. Eu gosto de morar aqui!

Diogo, menino, 8 anos, heteroidentificado branco, Ocupação Helena Greco.

Se eu pudesse mudar algo, eu mudaria as casas de madeirite, porque pega fogo. Faria elas de tijolo.

Diogo, menino, 8 anos, heteroidentificado branco, Ocupação Helena Greco.

Eu queria que arrumasse o morro, o morro tá muito difícil de subir, eu já até cai lá. Tá demais. Pra colocar uma escada.

Erica, menina, 11 anos, herteroidentificada branca, Ocupação Rosa Leão.

Às vezes eu falo assim que moro na Rosa Leão, se quiser me criticar eu vou usar até uma musiquinha: "Se não gosta de mim, eu não posso fazer nada, eu não sou grama para agradar a vaca".

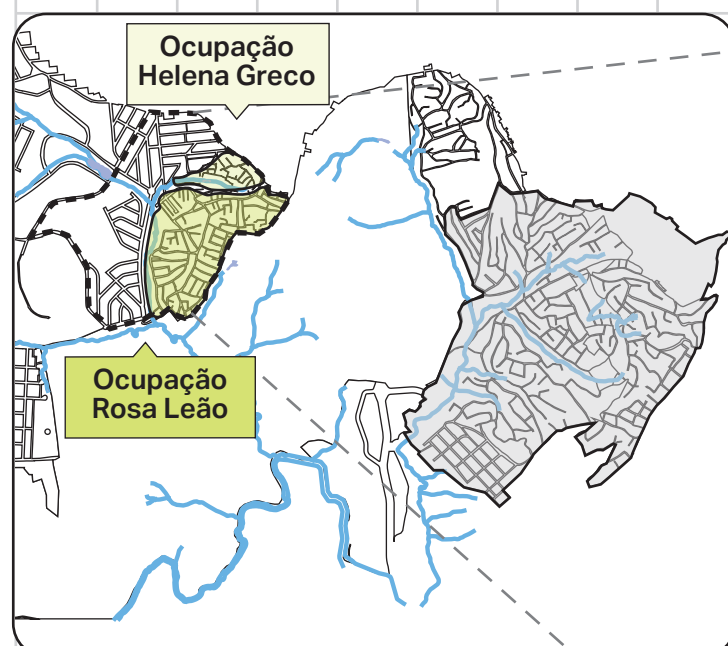
Yolanda, menina, 12 anos, heteroidentificada parda, Ocupação Rosa Leão.

Eu queria que colocasse asfalto lá no Rosa Leão, tá precisando de asfalto.

Melissa, menina, 11 anos, heteroidentificado preta, Escola Municipal Professor Daniel Alvarenga.

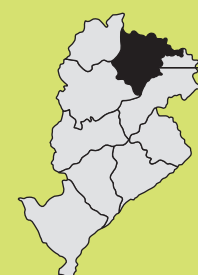
Eu não gosto de chão de terra porque quando chove não dá pra vir pra escola. Minha mãe fala pra eu ficar em casa, mas eu prefiro vim pra escola.

Melissa, menina, 11 anos, heteroidentificada preta, Escola Municipal Professor Daniel Alvarenga.



LEGENDA:

- Curso d' água
- CRAS
- Centro Cultural
- UMEI
- Posto de Saúde
- Brejo
- Ponto de ônibus
- Escola



Colocar pontos de ônibus mais perto porque andamos muito até lá.

Vizinhança: Mantiqueira

Caminhamos com algumas crianças do bairro Mantiqueira, passando pelo comércio, antigo posto de saúde, igrejas, e chegamos às pracinhas.

Nos comentários das crianças sobre os lugares por onde caminhamos apresentaram-se seus pontos de vista sobre as possibilidades de circulação e uso dos espaços públicos.

Em nossos trajetos, as crianças falaram sobre a precariedade das calçadas, o lixo nas praças, as longas filas no posto de saúde, a falta de tempo da mãe para levá-los para brincar. Apontaram também o medo de circularem sozinhas e serem capturadas por pessoas más. Na fala dessas crianças percebemos o quanto a escola tem um papel importante como local de encontros com os amigos, espaço para brincar, onde se sentem seguras e bem cuidadas.



Eu não brinco mais no campinho, porque o corpo da menina foi encontrado lá.

Paulo, menino, 8 anos, autodeclarado preto.

O brinquedo do parquinho fica com muito lixo.

Clarice, menina, 5 anos, heteroidentificada branca.

A pracinha podia ficar mais no canto. Porque aqui é bom de brincar, mas passa muito carro e ônibus.

Sandro, menino, 10 anos, autodeclarado branco.

Se a criança sair sozinha alguém pode vir e pegar ela.

Clarice, menina, 5 anos, hetero identificada branca.

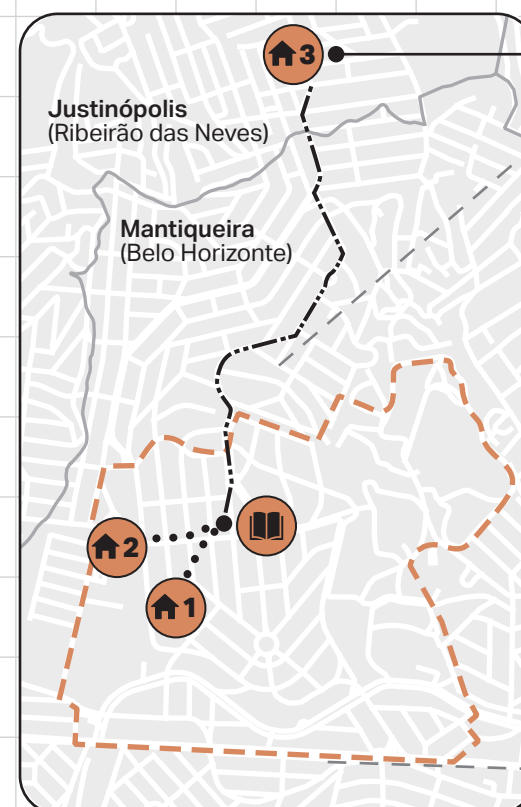


A gente tem que atravessar a rua porque desse lado o passeio é ruim de andar.

Sandro, menino, 10 anos, autodeclarado branco.

Eu nunca vim aqui porque é muito longe e minha mãe não tem tempo de me trazer.

Paulo, menino, 8 anos, autodeclarado preto.



Os médicos precisam aprender dar injeção sem doer!

Fernando, menino, 7 anos, heteroidentificado branco.

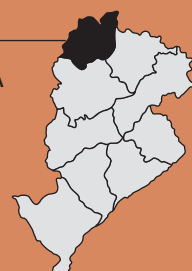
Ali ficava o posto de saúde. Ficava muito cheio. O posto novo fica lá em baixo, que é um pouco longe.

Fernando, menino, 7 anos, heteroidentificado branco.



LEGENDA:

- Percurso a pé
- Deslocamento de ônibus
- ⊕ Centro de Saúde
- 🌳 Parque
- 📖 Escola
- 🏠 1 2 3 Domicílios



Crianças e adultos na cidade

A infância é marcada por relações de cuidado, permeadas por sentidos de proteção, alteridade e autonomia. A interação de crianças e bebês com o espaço urbano acontece também por meio dessas relações, principalmente entre eles e demais sujeitos adultos. Portanto, as experiências das múltiplas infâncias na cidade de Belo Horizonte devem ser consideradas no interior das relações intergeracionais, ou seja: na relação com crianças mais velhas, família, educadoras e comunidade. Neste mapeamento, apresentamos trechos de depoimentos de crianças que anunciam como tais relações são tecidas na vida cotidiana.

Minha irmã me faz sentir raiva. Fica me provocando, me irritando. Aí eu saio de casa pra mim não dá coice nela. Mas muitas vezes já dei.

Heloísa, menina, 11 anos, autodeclarada preta, Ocupação Rosa Leão.

Gosto da casa da minha avó. Gosto de ajudar ela com as coisas dela. Gosto de conversar com a vovó Maria, que é a mãe da minha mãe.

Emília, menina, 12 anos, heteroidentificada parda, Jardim Felicidade.

Digamos assim, não todo final de semana, porque temos os nossos compromissos, né? Eu tenho um outro neto e a gente costuma passear, fazer esse contato. Eu busco o outro neto, a gente vai para o shopping, a gente vai para cinema, a gente vai passear. O outro neto sugeriu que fizéssemos um quarto de netos lá em casa.

Iracema, 57 anos, mãe/ avó de bebê, EMEI Santa Rosa.

Queria uma cidade que tivesse espaço reto e bonito, porque eu gosto muito de brincar com minha avó e meu irmão. A minha cidade teria muito espaço de parque para divertir e também descansar com a família.

Jamila, menina, 9 anos, autodeclarada preta, Anjos d'Rua.

A casa da minha avó é grande, tem dois andares. No primeiro andar mora a minha tia e em cima a minha avó. Na hora de comer, vai todo mundo para a parte da avó comer junto.

Emília, menina, 12 anos, heteroidentificada parda, Jardim Felicidade.

Eu moro em dois lugares, na casa da minha mãe uns dias e nos outros na casa do meu pai. Eu tive que mudar porque meu padrasto brigou com a minha mãe.

Jonas, menino, 11 anos, heteroidentificado pardo, Jardim Felicidade.

A minha mãe dá mamã, faz ela arrotar, faz dormir. Tem um bercinho que minha mãe comprou quando eu era bebezinha e levou para a nossa casa. Mas aí ela deixou minha irmã dormir, porque eu não caibo mais. Eu já estou crescendo

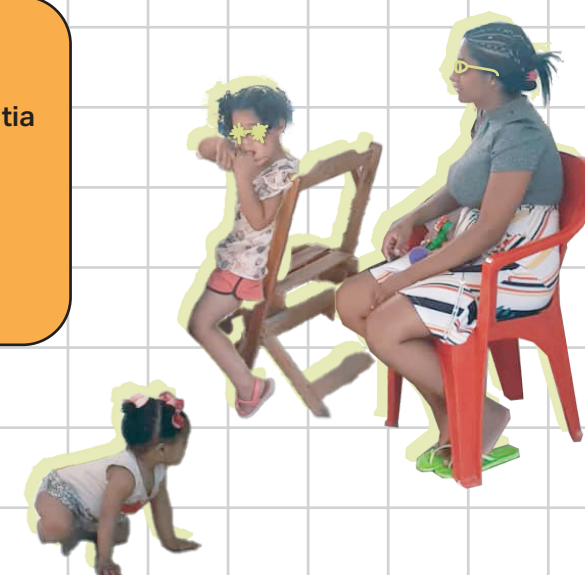
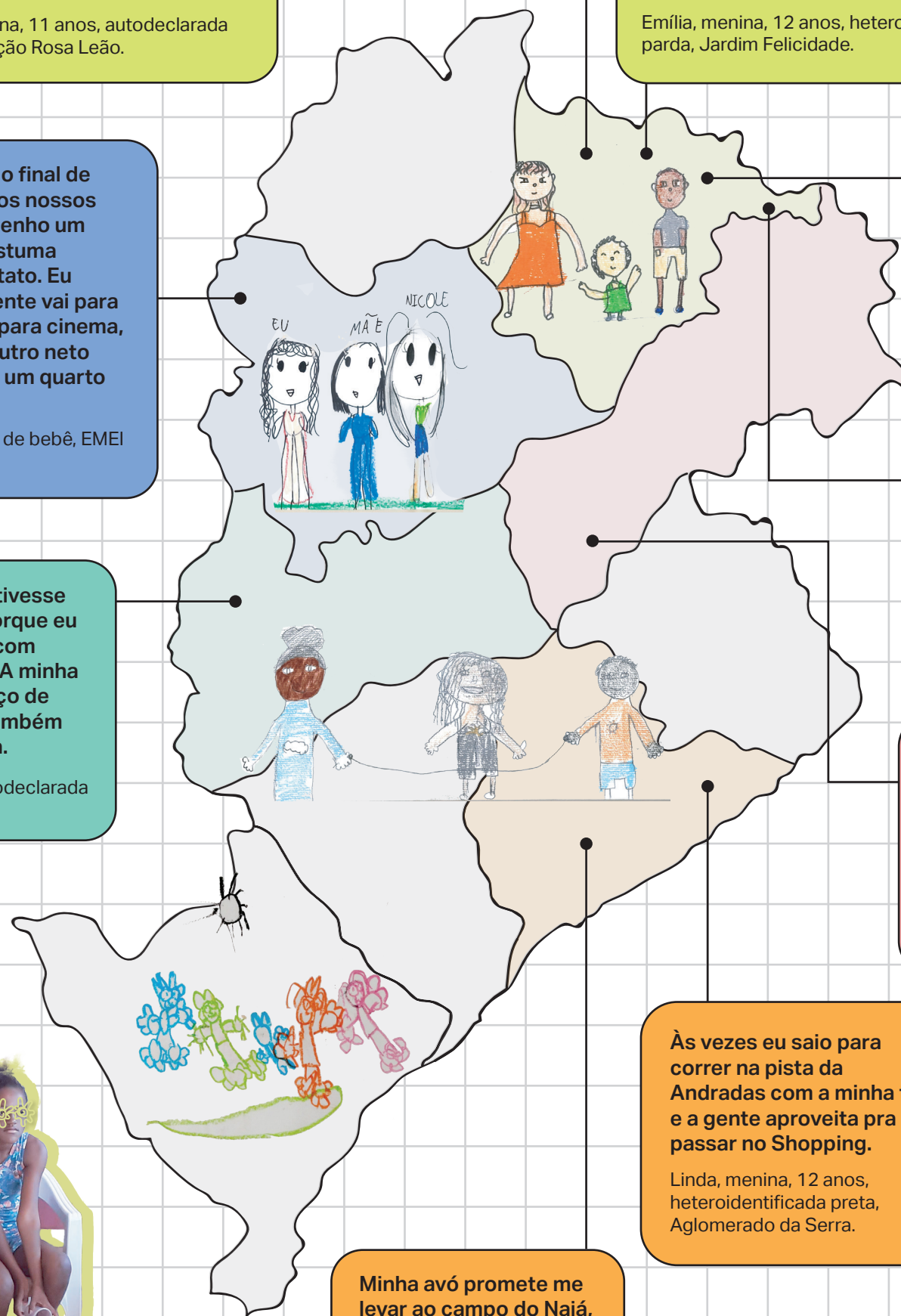
Jaqueline, menina, 3 anos, heteroidentificada branca, creche Dom Giussani.

Às vezes eu saio para correr na pista da Andradas com a minha tia e a gente aproveita pra passar no Shopping.

Linda, menina, 12 anos, heteroidentificada preta, Aglomerado da Serra.

Minha avó promete me levar ao campo do Najá, mas as vezes esquece.

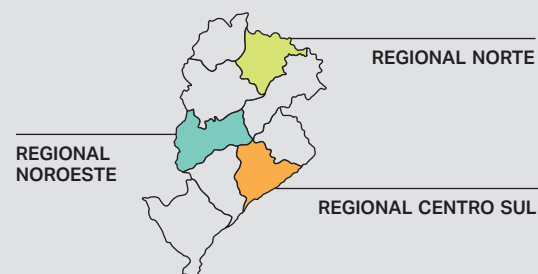
Lilyane, menina, 8 anos, heteroidentificada preta, Aglomerado da Serra.



Brincadeiras e culturas infantis

O brincar é uma atividade infantil coletiva de sociabilidade e construção de sentidos sobre o mundo. É por meio da brincadeira que a criança recria sua realidade e explora seus limites. As brincadeiras também informam sobre os modos de vida e as formas de sociabilidade que crianças e bebês experimentam junto a suas comunidades. O brincar é uma forma de inserção na cultura assim como de resistência em um território, é, portanto, um exercício de cidadania. Neste mapeamento, apresentamos parte do repertório do brincar de crianças e bebês na cidade a fim de mostrar como os modos de vida das crianças em Belo Horizonte se revelam, também, por meio desta prática social.

BELO HORIZONTE



Eu gosto de brincar aqui com meu irmão. Tem tipo uma casinha, olha. A gente brinca aqui, casa um tem o seu quartinho. Minha irmã fica mais aqui, onde tem brita, porque ela gosta de brita. Aqui, olha, são os restos de bambu. Eu gosto de ficar brincando de espada e pesca.

Diogo, menino, 8 anos, heteroidentificado branco, Ocupação Helena Greco.

Eu acho que seria justo todo mundo escorregar num morro de papelão para descer e ter criança para brincar com crianças negras, porque a gente passa por coisa parecida. E também não corre o risco de eu ser acusada de "coisas". (...) Eu desenhei uma quadra de basquete porque acho que todo mundo tem o direito de aprender um esporte. Eu tô aprendendo Hockey. Sabia? Mas é um projeto pra pouca gente e isso é chato.

Nia, menina, 10 anos, autodeclarada preta, Anjos D'Rua.



Pra se divertir, os meninos do projeto vão lá no campo do Najá jogar futebol. Eu vou andar de bicicleta.

Linda, menina, 12 anos, heteroidentificada preta, Aglomerado da Serra.

Ali é a praça 7, tem gente que grava video de tiktok lá. Eu também já gravei!

Marta, menina, 9 anos, heteroidentificada parda, Aglomerado da Serra.

Minha escola é legal. Eu gosto muito de brincar com meus amigos.

Jaqueline, menina, 3 anos, heteroidentificada branca, Creche Dom Giussani.

Do que você brinca?

Pesquisadora

De boneca.

O que mais?

De panelinha.

Você brinca de bola?

Hã hã.

Por quê?

Por que não.

Você brinca de carrinho?

(expressão assustada e ri com a pergunta)

Mas porque você não brinca de carrinho?

Porque é de homem.

Na escola, a gente aprende matemática, brinca.

Roda de Conversa com crianças de 4-5 anos

Ra

E brinca de que?

Pesquisadora

P

Brinca no parquinho, de brinquedos, brinca aqui no multiuso.

Re

No multiuso a gente brinca com quebra-cabeça e lego.

Ra

E vocês acham que tinham que brincar mais ou já está bom o tanto que brinca?

P

Já tá bom...

Re

Mais tempo!

Ri



Ah, quando tipo assim minha mãe tem dinheiro ela sempre tenta levar a gente para um lugar diferente, tipo assim no shopping.

Paulo, menino, 8 anos, autodeclarado preto, Bairro Mantiqueira.



E ser criança é bom, porque não precisa arrumar trabalho... só ficar brincando e curtindo a infância.

Cauê, menino, 9 anos heteroidentificado pardo, CIAME Flamengo.

Aqui no Alto Vera Cruz é bom porque a gente pode brincar de várias coisas, tem várias crianças.. e quase todas moram no mesmo bairro. A gente não fica aqui sozinho, tem mais gente pra brincar, pra gente não ficar sozinho em casa. Sair um pouco do celular, sabe?

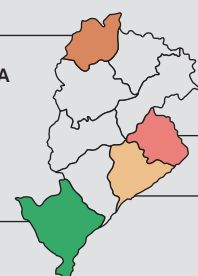
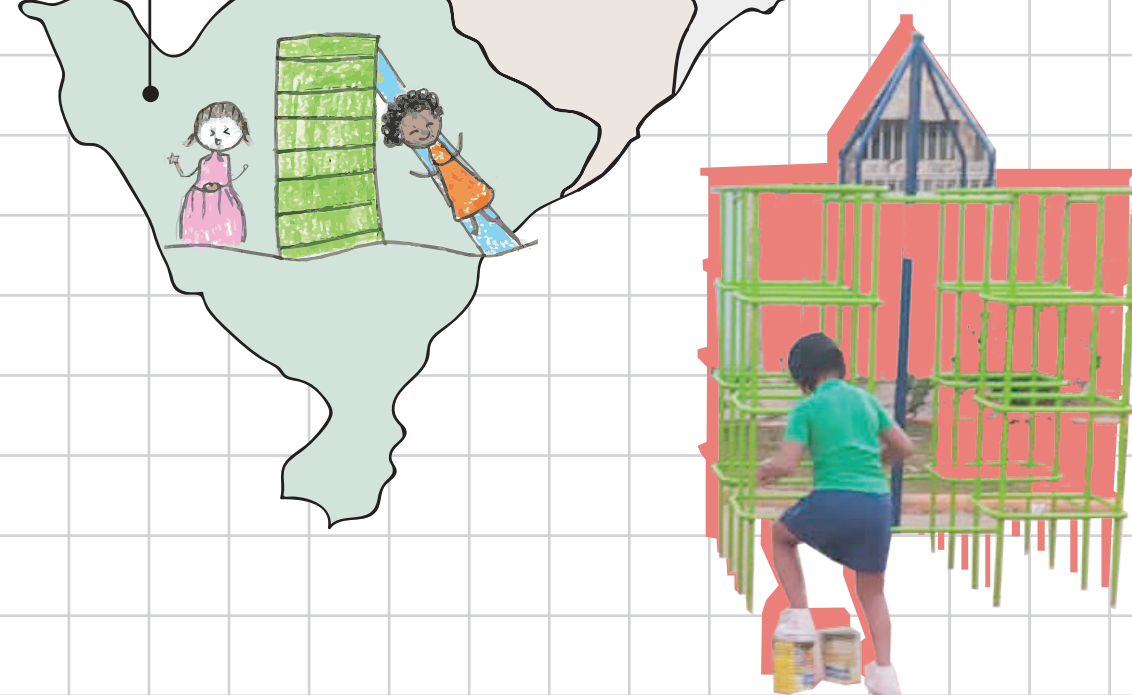
Tereza, menina, 9 anos, heteroidentificada parda, CIAME Flamengo.

O bairro é um bom lugar para brincar, porque tem mais pessoas pra conversar, correr...

Kleber, menino, 10 anos, heteroidentificado pardo, CIAME Flamengo.

Quando os meninos vão jogar na quadra, a gente só tem a parte do fundo que não tem muito espaço e a quadra os meninos não conseguem nem deixar a gente passar lá e a gente tem que ficar em outro lado, porque fica perigoso da gente passar.

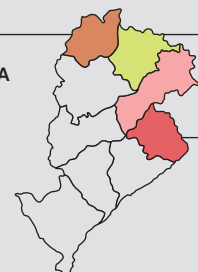
Regina, menina, 10 anos, heteroidentificada preta, E.M. Professor Mário Werneck/Integrada.



Educação na cidade

Boa parte da experiência cotidiana de crianças e bebês acontece durante o período em que estão nas escolas, desde a creche até o Ensino Fundamental. É também a partir da permanência nestes espaços que as crianças garantem o acesso a direitos diversos. Contudo, a educação para as infâncias também acontece para além do contexto institucional escolar, o que nos convoca a refletir sobre a cidade enquanto um espaço educador. Isso significa redimensionar tempos e espaços de formação, reformular sentidos e articular sujeitos, espaços urbanos e serviços públicos diversos em prol de uma formação humana e que considera os sujeitos em sua integralidade. Neste mapeamento, apresentamos experiências de educação de crianças e bebês dentro e fora do espaço da escola que apontam para uma cidade que ensina, cuida, protege e promove o encontro com o outro.

REGIONAL VENDA NOVA



REGIONAL NORTE

REGIONAL NORDESTE

REGIONAL LESTE



SOU NEGRA
SOU BONITA!

A comida aqui na escola é muito boa. Eu adoro as cantineiras e as faxineiras da escola, elas são muito legais.

Emília, menina, 12 anos, heteroidentificada parda, Jardim Felicidade.

As aulas dão muito sono, eu sinto tédio na escola.

Jonas, menino, 11 anos, heteroidentificado pardo, Jardim Felicidade.

Na escola tem muito assédio e preconceito, isso deveria melhorar. Tem muitos casos de agressão.

Emília, menina, 12 anos, heteroidentificada parda, Jardim Felicidade.

A escola podia levar a gente na praia.

Melissa, menina, 11 anos, heteroidentificada preta, Escola Municipal Professor Daniel Alvarenga.

Eu juro por Deus, tem dias que é melhor ficar na escola do que estar em casa, porque tem menos trabalho. Eu limpo, os meninos suja, eu vou lá e limpo e eles suja. Eu fico limpando casa o dia inteiro.

Yolanda, menina, 12 anos, heteroidentificada parda, ocupação Rosa Leão.

Esse ano foi o primeiro ano que ele entrou na integrada. Ele gosta de ir para a integrada, adora andar de ônibus, o motorista é amigo dele.

Patrícia, 37 anos, autodeclarada branca, Bairro Mantiqueira.

A maioria das crianças fala que não gosta da escola, mas aí chegam as férias, ela fica dois dias em casa e já quer voltar para a escola.

Heitor, menino, 11 anos, heteroidentificado branco, Jardim Felicidade.

A gente tem que dormir às 21:00 da noite ou 22:00... eu acordo às 5:30 da manhã e moro longe da escola e pegamos o 903. Às vezes a gente vem a pé e às vezes a gente pega o 903, quase todos os dias para passar aqui no Alto e deixar a gente na porta da escola.

Mariana, menina, 9 anos, hetero identificada parda, Alto Vera Cruz.

O bairro é um bom lugar pra brincar na opinião de vocês?

Pesquisadora

Tem muitos parque, tem muita natureza, eu gosto. Tem muitos bicho na natureza...

Renato, menino, 7 anos, heteroidentificado preto, autista, Escola Municipal Paulo Freire, integrada.



Sabe por que eu tô com saudade da UMEI? Por causa que lá tem um parquinho muito legal. Tem balanço, escorregador, tem tudo que eu gosto.

Michel, menino, 5 anos, heteroidentificado preto, ocupação Rosa Leão.

Eu não gosto [do chão de terra na ocupação] porque quando chove não dá pra vir pra escola. Minha mãe fala pra eu ficar em casa, mas eu prefiro vir pra escola.

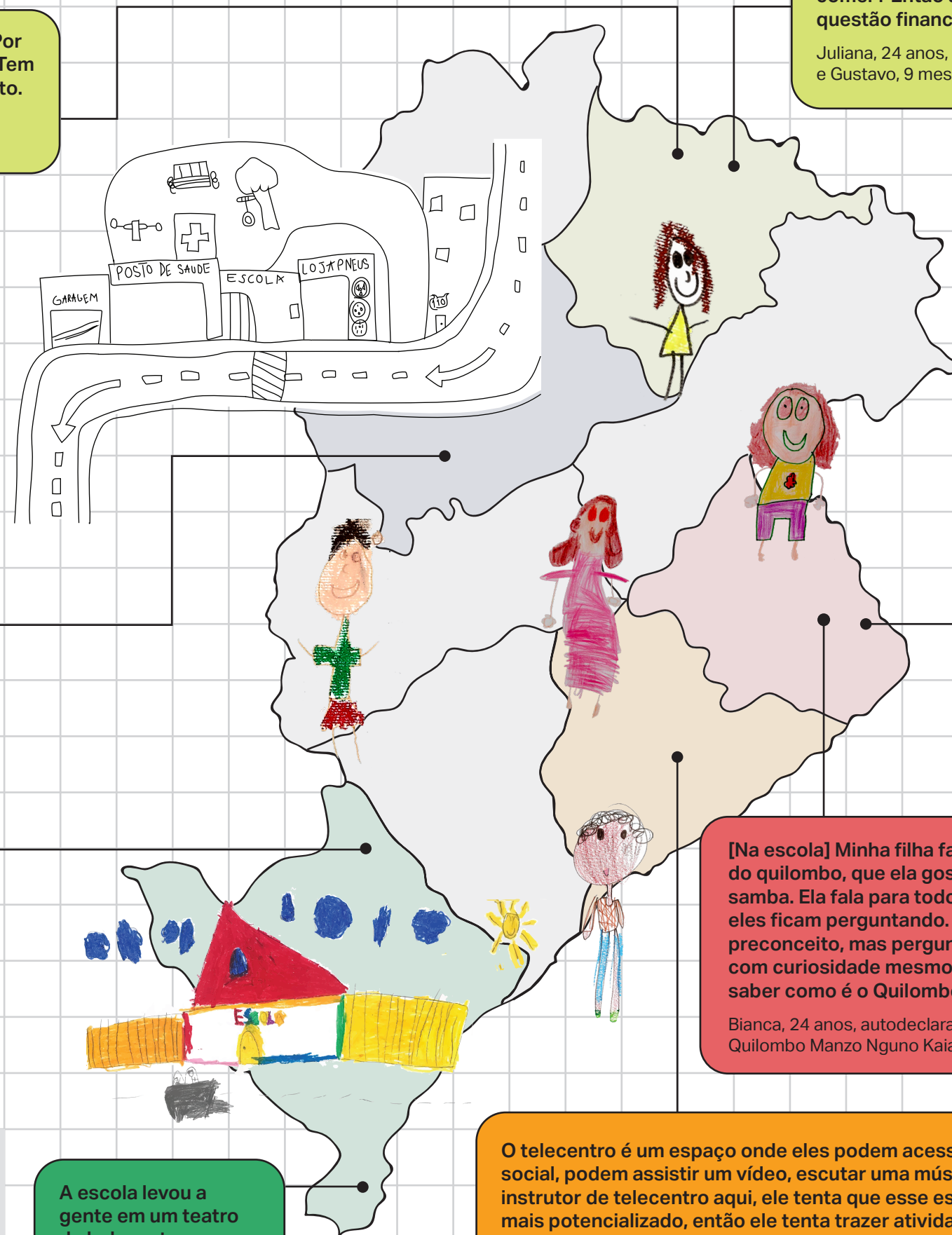
Melissa, 11 anos, heteroidentificada preta, Escola Municipal Professor Daniel Alvarenga.

Às vezes você demora pra comer e aí você vai para o recreio os minutos já estão quase acabando e não dá tempo de brincar. Tem uma parte lá de cima da minha escola que tem um parquinho. Lá é muito legal. Tem vez que a professora deixa eu ir lá. Mas depois eu fico um pouquinho triste, porque os minutos lá são bem poucos.

Caio, menino, 11 anos, heteroidentificado pardo, Ocupação Dandara.

Aqui na escola a gente tem muito essa questão dos passeios, vai ter um passeio cultural amanhã, por exemplo. Eu acho que vai ter alguma coisa sobre a UFMG mesmo, a gente vai visitar lá. Eu acho que essa questão de passeio da escola levou os meninos, assim, pra conhecer lugares mais distantes, que eles nunca tinham ido.

Jordana, menina, 13 anos, heteroidentificada branca, E.M. POEINT Barreiro.



Eles colocam que a mãe que trabalha tem condições financeiras para pagar uma vaga [na creche particular] de até R\$400. Como é que eu vou pagar R\$400 para uma pessoa, mais a casa, mais o de comer? Então assim, a escola integral supre essa parte da questão financeira.

Juliana, 24 anos, autodeclarada parda, mãe dos bebês Ester, 4 meses, pardo, e Gustavo, 9 meses, heteroidentificado branco, Ocupação Helena Greco.

O que vocês gostam de fazer aqui no Centro Cultural?

Pesquisadora

Eu desenho, pinto, faço peixe, faço jacaré.

Bernardo, menino, 10 anos, heteroidentificado branco, autista, Centro Cultural Alto Vera Cruz.

Às vezes a gente gosta de jogar futebol.

Rogério, menino, 9 anos, heteroidentificado preto, Centro Cultural Alto Vera Cruz.

Como é que é, joga futebol aqui na sala?

É, a gente aproveita esse espaço.

Eu mais brinco do que coloro.

Lorran, menino, 9 anos, heteroidentificado preto, Centro Cultural Alto Vera Cruz.

Então a educadora aqui do Centro Cultural sabe ensinar muita coisa, hein gente?

Sim, é melhor que a minha professora da escola. Ela só passa coisa difícil no quadro.

[Na escola] Minha filha fala que é do quilombo, que ela gosta de samba. Ela fala para todo mundo. E eles ficam perguntando. Não com preconceito, mas perguntando com curiosidade mesmo. Querem saber como é o Quilombo.

Bianca, 24 anos, autodeclarada branca, Quilombo Manzo Ngungu Kaiango.

O telecentro é um espaço onde eles podem acessar a rede social, podem assistir um vídeo, escutar uma música. O instrutor de telecentro aqui, ele tenta que esse espaço seja mais potencializado, então ele tenta trazer atividades, brincadeiras. Ele está com um projeto muito bacana que é procurar entender algumas dificuldades que os meninos têm com leitura e escrita.

Técnico/psicólogo Centro Pop Miguilim.

A escola levou a gente em um teatro de belas artes.

Fabio, menino, 12 anos, heteroidentificado pardo, E.M. POEINT Barreiro.

Depois que eu conheci uma professora na integrada que ela me mostrou o significado. Ela falou que eu tinha que me aceitar, gostar de mim. E aí ela me explicou que antigamente nossos descendentes eram reis e rainhas. E aí eu fui gostando.

Alisson, adolescente de 14 anos, autodeclarado preto, bairro Mantiqueira.

[Na escola integrada] eu faço taekwondo, capoeira, circo, horta, música e [gosto] de brincar de brinquedos. [minha preferida] é ficar fora da sala para brincar.

Paulo, menino, 8 anos, autodeclarado preto, Bairro Mantiqueira.

Eu gosto [da escola] porque a gente vai na horta, no parquinho e se diverte.

Clarice, 5 anos, heteroidentificada branca, Bairro Mantiqueira.

Eu vou na escola, volto, visto a roupa de futebol, a minha chuteira, almoço, eu arrumo a cozinha e depois eu vou lá no SESC.

Fernando, menino, 7 anos, hetero identificado branco, Bairro Mantiqueira.

[No início] me senti meio tímida e com medo do pessoal não me aceitar só porque eu era de outro país. Aí eu vi que eles eram legais, eles não ligavam pra isso. O pessoal foi me apresentando a escola, os professores foram legais, aí eles foram vendo que eu tava me adaptando.

Yurielle, menina, venezuelana, 10 anos, heterodeclarada parda, Escola Municipal Paulo Freire.

[Na escola integrada] a gente não fica só escrevendo, estudando. É mais livre. Às vezes a gente estuda, só que depois é mais livre, a gente pode ficar brincando. Tem Totó, tem bolinha, carrinhos, boneca, tem muitas coisas pra gente brincar. Aí, a gente aproveita, porque às vezes tem excursões, que eu também gosto. A gente já foi no [parque] Guanabara, no Parque Ecológico. Foi num monte de lugar legal.

Elaine, menina, heterodeclarada parda, 9 anos, venezuelana, Escola Municipal Paulo Freire.

Vocês andam muito aqui no bairro, sozinhos ou acompanhados? Que lugares vocês vão aqui?

Pesquisadora

Na escola.

Rafael, menino, 9 anos, heteroidentificado pardo, Centro Cultural Alto Vera Cruz.

Ó... acompanhados, a gente vai na escola, essas coisas, agora, sozinhos mesmo a gente vai pra padaria, pras lojinhas que vende doce.

Mariana, menina, 9 anos, heteroidentificada parda, Centro Cultural Alto Vera Cruz.

Pro Ciame, a gente vai acompanhado com os amigos.

Da escola é pertinho do Ciame, e a gente vai...

É só ir subindo o morro.

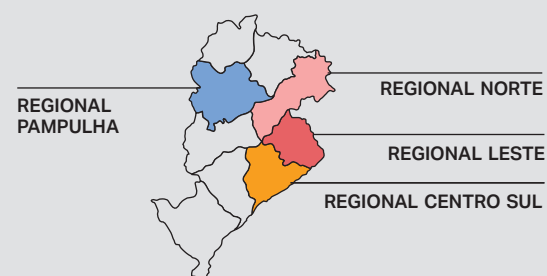
Quando elas chegam à escola, o primeiro ano de escola delas, essa escola não está preparada para receber as crianças do modo de vida delas, então elas têm um choque com as brincadeiras. Dentro do terreiro elas brincam com o seu território, com o seu universo, a partir do que o território propõe para elas enquanto brincadeiras, que não são reproduzidas dentro da escola e são totalmente ignoradas.

Cassia, autodeclarada preta, Quilombo Manzo Ngunzo Kaiango.



Circular pela cidade

A circulação faz parte da experimentação da cidade por crianças e bebês. Eles se deslocam da casa em direção à escola, ao centro cultural, ao posto de saúde, à praça, à casa de parentes e amigos. Esses deslocamentos acontecem de diferentes formas (a pé, de ônibus, de carro, de moto) e em companhias diversas (com a mãe, os irmãos, os amigos, ou até mesmo, sozinhos). A maior motivação para crianças, bebês e cuidadoras se deslocarem é o acesso a direitos, mas enfrentam inúmeras barreiras na cidade para isso. Neste mapeamento, apresentamos alguns elementos que anunciam as suas experiências de mobilidade urbana em Belo Horizonte, bem como alguns desafios para ter acesso a este direito.



Queria que tivesse mais água, uma escada rolante, um carro pra mim dirigir.

Letícia, 6 anos, autodeclarada preta, Ocupação Dandara.

Para a cidade ser boa, tem que ter mais parques do que casas e também ter um jeito bom de chegar, sem trânsito. Eu desenhei pessoas de todas as cores, porque assim que é o certo.

Akin, gênero masculino, 11 anos, autodeclarado preto, Anjos D' Rua.



Ocupação Dandara

Centro Pedagógico

Programa Miguilim

Shopping Boulevard

Praça Sete

Centro Cultural Lá da Favelinha

Andar muito deixa a gente suado, demora pra chegar no lugar que a gente quer, pra comer, pra brincar. O morro de descer é muito fácil, mas o de subir a gente cansa.

Letícia, menina, 6 anos, heteroidentificada preta, Ocupação Dandara.

Vocês vão na Praça Sete?

Pesquisadora

Sim. Damos muita volta.

Damião menino, 6 anos, heteroidentificado negro, Grupo Miguilim.

Muita volta? Fazendo o que?

A gente vai por aí. Comprar bala.

Se não tivesse carro ou caminhão, a gente poderia andar sozinho né, sem acompanhante.

Mariana, menina, 9 anos, heteroidentificada parda, Alto Vera Cruz.

Eu adoro o Shopping porque lá tem várias lojas e eu faço minha mãe gastar. Gosto de ir nos finais de semana. Pego o ônibus 19 perto de casa e para na frente do Shopping.

Naiara, 12 anos, heteroidentificada preta, Aglomerado da Serra.

LEGENDA:

-  Deslocamento a pé
-  Deslocamento de carro
-  Deslocamento de ônibus

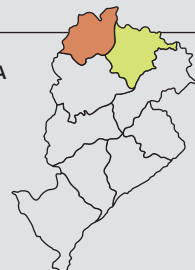
Segurança e violência

A aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em 1991, inaugurou uma nova etapa no reconhecimento de crianças e bebês enquanto sujeitos de direitos no Brasil. Contudo, a história da infância no Brasil é atravessada pela violência da colonização que marcou gerações de indígenas, negros e outros grupos historicamente excluídos. A narrativa de uma infância protegida possui viés de classe e raça sendo a vivência de cidade das infâncias fortemente povoada por sentimentos de medo e insegurança e por experiências de violência. Neste mapeamento, apresentamos expressões de crianças e bebês sobre preconceitos e violações de direitos e sobre estratégias de sobrevivência e de formas de lidar com situações difíceis, por vezes, marcadas pelo imaginário.

BELO HORIZONTE

REGIONAL VENDA NOVA

REGIONAL NORTE



Lá em casa é em frente ao ponto de ônibus, então é muito morador de rua, fica do lado mesmo. Eles abriram uma loja lá, então entra muita pessoa usando droga, debaixo da minha janela. Meu marido já cansou de xingar, eu falei com ele "deixa pra lá, porque não vai adiantar". É ponto de ônibus, então ali é muito pessoal diferente. Eu não deixo minha menina nem ir na padaria sozinha, nem para comprar pão, eu tenho medo. Não tenho confiança.

Gina, 23 anos, mãe de bebê, autodeclarada branca, Creche Dom Giussani.

Você acha que seu bairro é um bom bairro para as crianças?

Pesquisadora

Não, tem um monstro no bairro que aparece um monte de vezes. Se eu pudesse, eu iria dar um soco na cara. Prender ele. Ele fica lá dentro da minha casa, que é uma casa assombrada. Eles aparecem só de noite. Mas, aí, minha mãe e meu pai me protegem.

Jaqueline, menina, 3 anos, heteroidentificada branca, Creche Dom Giussani.

A mamãe me falou que você tem dois pais né. Me explica como é que funciona?

Pesquisadora

É, tem um que tentou matar ela e outro que não tentou matar. Eu já fui na casa de um deles, fica no morro e todo mundo de lá é legal.

Paulo, menino, 8 anos, autodeclarado preto, Bairro Mantiqueira.

Quando se caminha com alguém junto é muito bom, porque você não fica sozinho.

Clarice, menina, 5 anos, heteroidentificada branca, Bairro Mantiqueira.

A polícia passa aqui na ocupação, mas passa para perseguir bandido, não passa para proteger não.

Yolanda, menina, 12 anos, autodeclarada parda, Ocupação Rosa Leão.

Você não se sente protegido quando tá na rua? Por que?

Pesquisadora

Não. Porque eu tenho medo de alguém me pegar na rua, por isso que a minha mãe não deixa eu andar na rua.

Yago, menino, 6 anos, heteroidentificado preto, Ocupação Helena Greco.

Já aconteceu tiroteio aqui?

Pesquisadora

Já, principalmente quando tem baile funk, a gente escuta cada tiro aqui.

Yolanda, menina, 12 anos, autodeclarada parda, Ocupação Rosa Leão.

Mas é bom porque a gente fica debaixo das cobertas. É melhor do que morrer.

Heloísa, menina, 11 anos, autodeclarada preta, Ocupação Rosa Leão.

Em qual lugar vocês se sentem mais protegidos?

Pesquisadora

Aqui em casa.

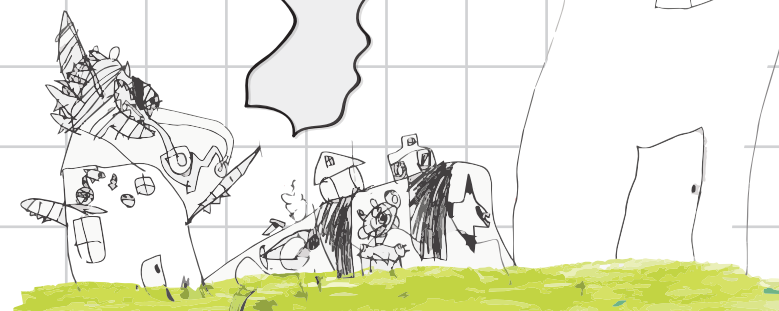
Yago, menino, 6 anos, heteroidentificado preto, Ocupação Helena Greco.

Na escola.

Nadine, menina, 4 anos, heteroidentificada parda, Ocupação Helena Greco.

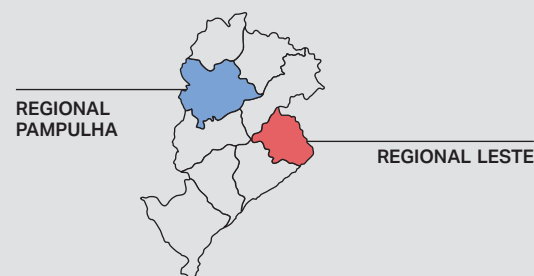
É mesmo? E quem te protege na escola?

A professora.



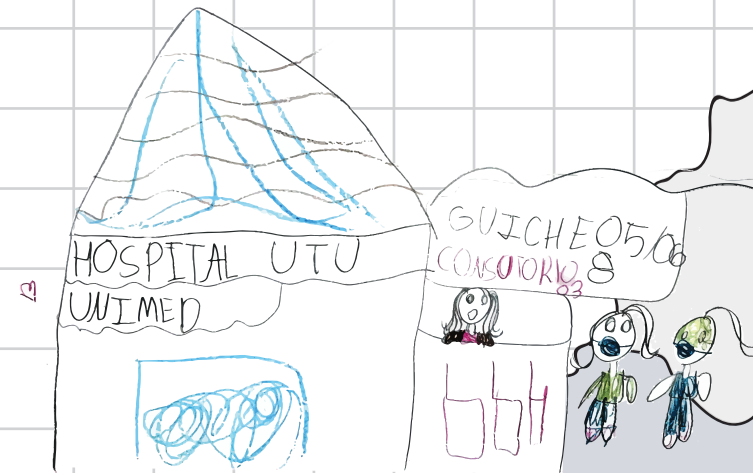
Saúde e qualidade de vida

A promoção de um meio ambiente equilibrado para o desenvolvimento integral de crianças e bebês está relacionada ao acesso a serviços básicos indispensáveis ao bem estar e à qualidade de vida (por exemplo, saneamento básico, moradia, água, segurança alimentar e nutricional). Muitos desses elementos ganham materialidade no espaço urbano, de modo que a promoção de espaços públicos que favoreçam o bem-estar dos sujeitos é também uma forma de promoção de saúde e prevenção de doenças. Neste mapeamento, apresentamos experiências de crianças que denunciam a ausência deste direito ou expressam a potência de políticas e de práticas comunitárias de atenção à saúde e promoção de qualidade de vida no território.



Tem hospital que paga e hospital que não paga. Mas no postinho vai quem tem dinheiro e quem não tem.

Sol, menina, 6 anos, autodeclarada parda, Centro Pedagógico.



Vocês acham que todo mundo conseguiu tomar a vacina do corona vírus?

Pesquisadora

P

Não. Porque algumas crianças morreram antes de tomar vacina.

Flora, menina, 7 anos, autodeclarada negra, Centro Pedagógico.

B

Toda criança tem direito a ter um pediatra?

Pesquisadora

P

Todos os tipos de bebês, de todas as peles, de todas as cores, de cabelos diferentes e com a personalidade diferente.

Amora, menina, 7 anos, autodeclarada parda, Centro Pedagógico.

A

Tem algumas que não são bem-vindas.

Flora, menina, 7 anos, autodeclarada negra, Centro Pedagógico.

F

Quando minha terceira filha teve alta, eu fiquei internada. Depois que a minha prima foi lá - ela é macota (expressão que se refere à posição importante em uma comunidade religiosa de matriz africana) também -, foi no banheiro do hospital e passou umas coisas em mim, rezou. Eu estava muito desesperada. A minha avó também fez um trabalho para eu melhorar. Depois eu ganhei alta e voltei para casa.

Bianca, 24 anos, autodeclarada branca, Quilombo Manzo, mãe da Helen (menina, branca, Quilombo Manzo) que estava com 1 ano e 6 meses.

B

Como você avalia o cuidado das enfermeiras e dos médicos?

Pesquisadora

P

Muito bom, muito bom mesmo! Inclusive eu dei até um presente para uma enfermeira que tinha muito carinho com ela.

B



Foi uma gravidez normal, sem problema nenhum graças a Deus, tudo acompanhado certinho, os exames, tudo, direitinho. Ele nasceu tranquilo e de boa, e quando ele completou dois meses de idade, ele deu bronquiolite e daí pra cá veio aparecendo essas "problemaíada". Até chegar em uma internação, que ele deu meningite bacteriana, onde foi que deu essa atrofia no cérebro. Paralisou o lado esquerdo dele todo, ele ficou com sequelas.

Patrícia, 37 anos, autodeclarada branca, Bairro Mantiqueira. Mãe de Matheus.

Pa

Com qual frequência vocês vão ao médico?

Pesquisadora

P

A gente tinha dado uma parada porque estava esperando sair a vaga né, mas aí ontem me ligaram dizendo que saiu a vaga para fazer o acompanhamento com a fono, com terapeuta ocupacional e pedagogo e tal. Agora eu tenho que buscar o papel para ele fazer o acompanhamento ali no São João Batista.

Pa

Não pode faltar para ele a medicação?

P

Não, não! Estou sempre indo no posto e pegando a receita para estar comparando, porque a medicação dele não é gratuita, tem que comprar.

Pa

E é caro?

P

Não, não é caro. Mas às vezes é um dinheiro que você não tem. Eu gasto, vamos colocar, todo mês, uns R\$100,00. Com as duas. Mas eu não trabalho, até queria aposentar ele.

Pa

Tem que fazer mais posto de saúde, porque tá sempre lotado. E aí dá a hora de almoço e eles não tem condição de atender as pessoas necessárias.

Diogo, menino, 8 anos, heteroidentificado branco, Ocupação Helena Greco.

Com o neném está sendo muito bom. Eu fiz os cuidados dele, desde que ele nasceu, no posto. Então assim, com ele foi muito bom. Bom mesmo, todos os cuidados. Por exemplo, ele teve um probleminha de pele e em questão de 15 dias eles já marcaram dermatologista – coisa bem complicada. Ele fez os exames lá, detectou o que ele tinha, já passou as pomadas e ele melhorou super rápido também.

Karina, 28 anos, autodeclarada preta, mãe de bebê da Creche Dom Giussani.

Eu comecei a dar comida ele estava com dois meses. Porque com seis meses eu volto a trabalhar, então já tenho que adaptar, já puxando uma adaptação para ele para ficar com alguém.

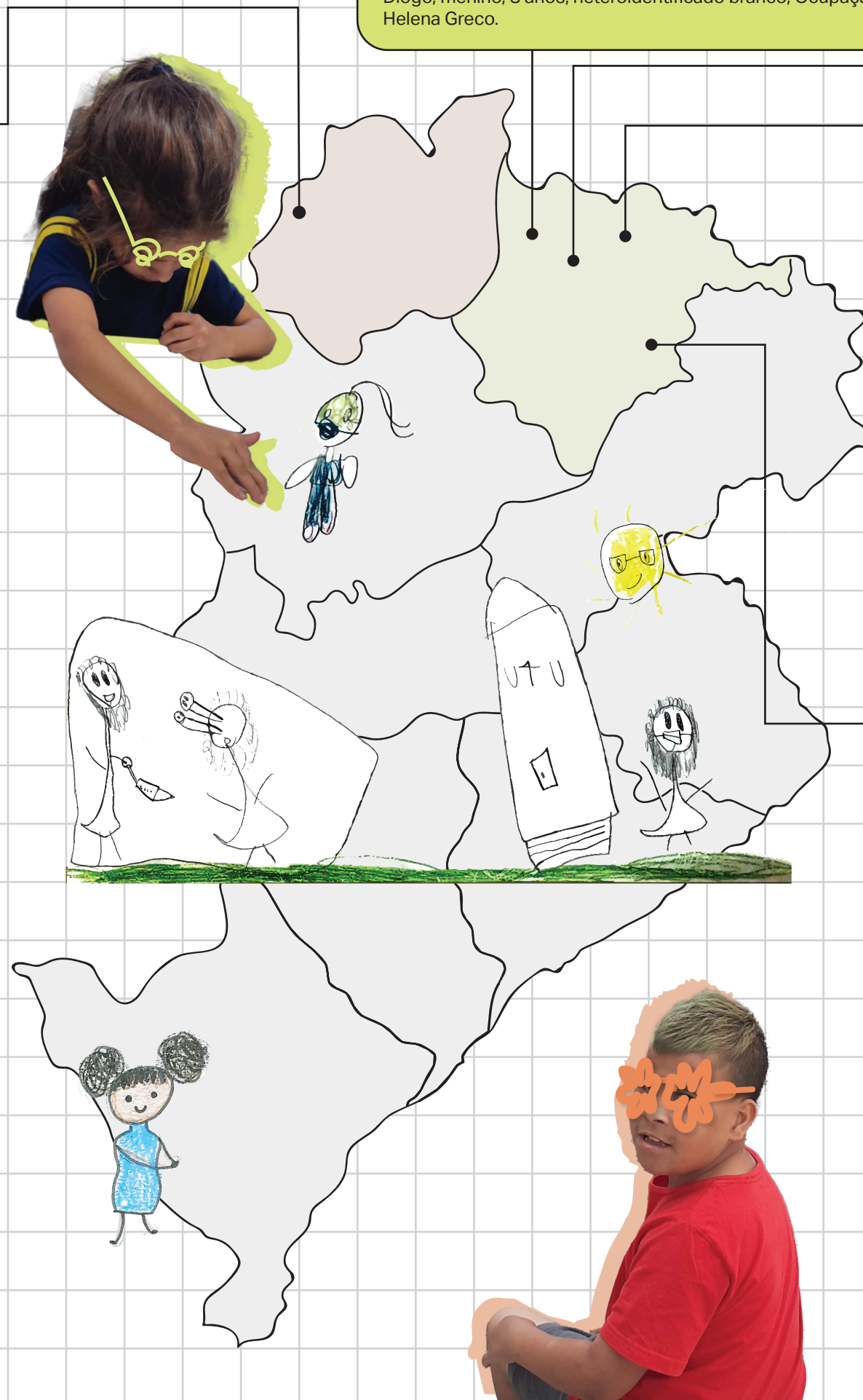
Juliana, 24 anos, autodeclarada parda, mãe dos bebês Ester, 4 meses, pardo, e Gustavo, 9 meses, branco, Ocupação Helena Greco.

Uma mulher entrou em trabalho de parto aqui na ocupação e a ambulância não veio. Porque não entra. Não acessa. Então ela ganhou dentro de casa e eles levaram ela no rumo pra chegar até o hospital.

Juliana, 24 anos, autodeclarada parda, mãe dos bebês Ester, 4 meses, pardo, e Gustavo, 9 meses, branco, Ocupação Helena Greco.

O acesso de marcar no posto era até fácil, por causa do pré-natal. Eu tive essa facilidade de tirar todas as dúvidas, essas coisas, sobre a gravidez eu consegui. Eu levo no posto. No posto eles não fazem Raio-X, essas coisas. Então quando eu acho que está com peitinho cheio, eu levo na UPA Primeiro de Maio, porque lá faz ultrassom, remédio na veia. Mas geralmente, eu levo no posto e eles receitam remédio. Quando tem remédio na farmácia, eu pego na farmácia do posto. Quando não tem, eles passam a receita, eu compro e medico da forma que eles passam. É muito difícil ele ir na UPA.

Amélia, 22 anos, mãe de bebê, EMEI Ouro Minas.



Sonhos para uma cidade melhor

Enquanto sujeitos coletivos e históricos, crianças e bebês também elaboram suas experiências de cidade e desejam sua transformação. A partir de abordagens metodológicas diversas e partindo de seus diferentes contextos de socialização, eles manifestaram sua percepção crítica da cidade, expondo desigualdades, manifestando afetos e apresentando propostas concretas para melhorar seus territórios. Neste mapeamento, apresentamos alguns dos desejos de melhoria apontados por crianças e bebês ao longo deste percurso.

(N)a minha cidade ideal...

... tem muita natureza.

Caio, menino, 11 anos, heteroidentificado pardo, Ocupação Dandar.

... tem parquinho pras crianças ficarem brincando.

Caio, menino, 11 anos, heteroidentificado pardo, Ocupação Dandara.

... todas as casas são casas de rico.

Luana, menina, 9 anos, heteroidentificada parda, Ocupação Dandara.

... eu ia botar um escorregador. Daqueles lá que tem no shopping.

Bruno, menino, 5 anos, heteroidentificado pardo, EMEI Santa Rosa.

... é mais organizada.

Bianca, menina, 12 anos, heteroidentificada preta, Jardim Felicidade.

... é movida à energia solar. E tem internet grátis que vem do sol também.

Sandro, menino, 11 anos, heteroidentificado preto, Jardim Felicidade.

... não tem roubo.

Jonas, menino, 11 anos, heteroidentificado pardo, Jardim Felicidade.

... o pixo não seria proibido. Vai ser tratado como arte.

Emília, menina, 12 anos, heteroidentificada parda, Jardim Felicidade.

... tem mais pássaros, mais cães e mais pessoas.

Heitor, menino, 12 anos, heteroidentificado branco, Jardim Felicidade.

... é uma cidade sem fome.

Bianca, menina, 12 anos, heteroidentificada preta, Jardim Felicidade.

... tem praia.

Sandro, menino, 11 anos, heteroidentificado preto, Jardim Felicidade.

... tem quadras abertas para todo mundo tomar sol na cadeira.

Lilyane, menina, 8 anos, heteroidentificada preta, Aglomerado da Serra.

... queria que as casas do meu bairro fossem prédios, pra não ficar aquela bagunça misturada.

Linda, menina, 12 anos, heteroidentificada preta, Aglomerado da Serra.

... não tem morros, as ruas são mais planas.

Marta, menina, 9 anos, heteroidentificada parda, Aglomerado da Serra.

... não tem carros.

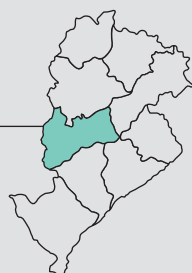
Linda, menina, 12 anos, heteroidentificada preta, Aglomerado da Serra.



Imaginando a paisagem

Para a finalização deste mapeamento, apresentamos desenhos produzidos por crianças de Belo Horizonte que resultaram da sua expressão por meio de um conjunto de carimbos que representam elementos da experiência urbana. Cada desenho revela um exercício de criação que consiste em imaginar a paisagem e propor uma cidade na qual se consideram acolhidas. Aqui, as crianças exercem seu direito de sonhar e participar, na medida em que manifestam as mais diversas formas de habitar o mundo e produzir a cidade.

Nia, menina, 10 anos, autodeclarada preta, Anjos d'Rua.



Jamila, menina, 9 anos, autodeclarada preta, Anjos d'Rua.







Diana mora na ocupação Vitória. Ela fez um desenho que marca o chão de terra, que divide a ocupação do resto da cidade e do asfalto, onde há a rua, e os carros, ônibus e motos passando. Ela quis representar a entrada da ocupação, onde há um grande campo de futebol e uma pequena área com brinquedos. Ali, tem várias pessoas circulando. Na área da ocupação, predominam as casas e os animais. No entorno, pássaros voando e muitas árvores.

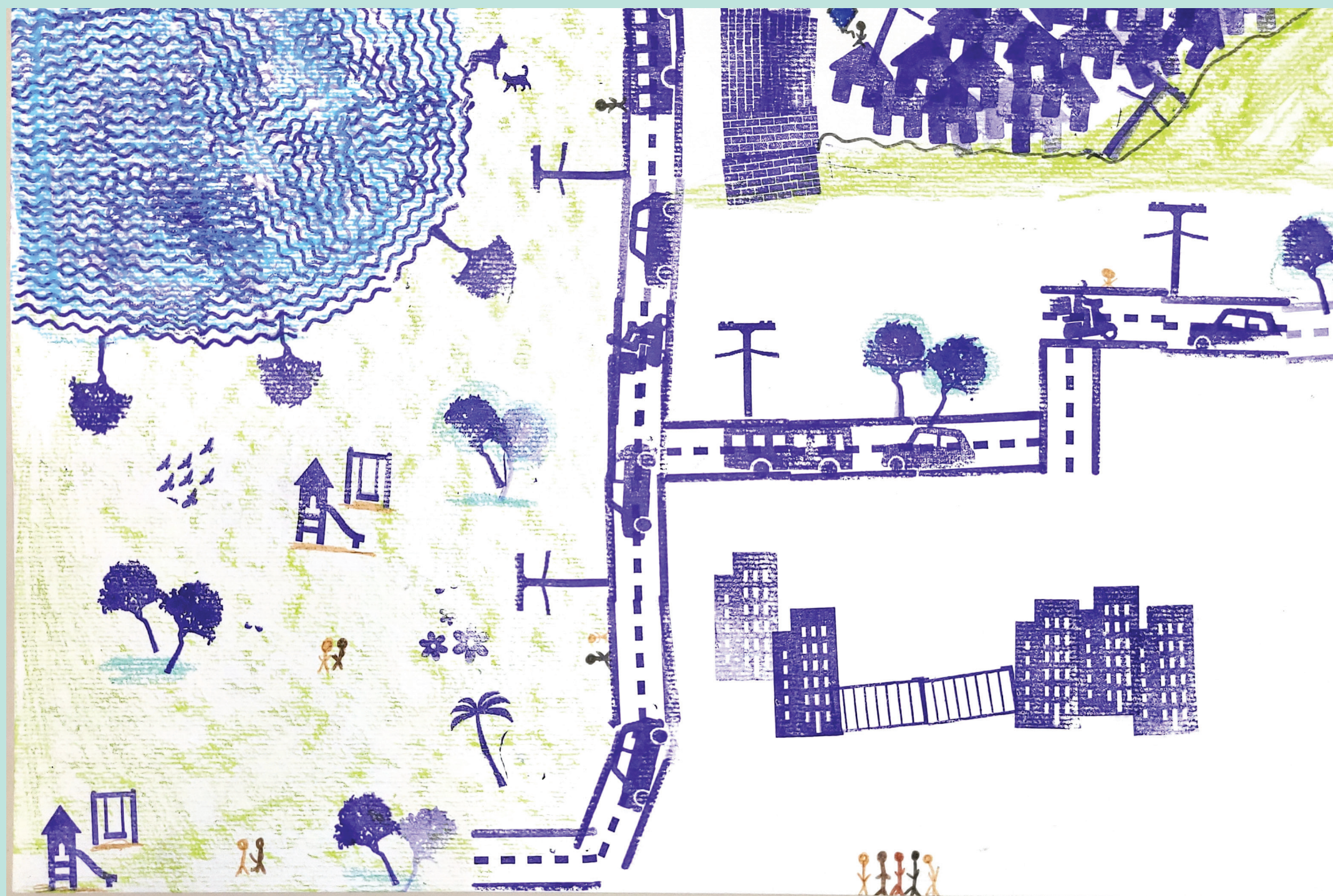
Diana, menina, 9 anos, heteroidentificada preta, Escola Municipal Professor Daniel Alvarenga.



A cidade ideal da Diana tem uma praia. Ela disse que nunca esteve na praia, mas gostaria de ir. Tem um grande marcador de quando você chega na praia (estrutura roxa que parece uma árvore) que serve para orientar as pessoas para saberem chegar até o mar. Na praia, as pessoas ficam na areia. Para moradia, há somente prédios com garagem (grade ao lado do prédio). Um prédio desenhado possui estrutura espelhada. Diana diz que é ali onde ela moraria nessa cidade.

Diana, menina, 9 anos, heteroidentificada preta, Escola Municipal Professor Daniel Alvarenga.







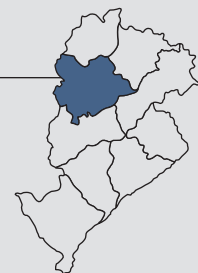
Queria que tivesse mais água, uma escada rolante, um carro pra mim dirigir. Carro não passa (uma grande faixa amarela no desenho), toma choque. Embaixo é água, e flores. Queria um monte de biscoito derretido com morango.

Letícia, menina, 6 anos, autodeclarada preta, Ocupação Dandara.



Na minha cidade teria pixo para todo lado. Pixo é arte! Teriam escadas rolantes e ruas retas, para gente não ter que subir morro. Muitos animais na rua, casas e lugares para brincar.

Emília, menina, 12 anos, heteroidentificada parda, Jardim Felicidade.



Crianças amam os mapas, por que os mapas não podem amar as crianças? Essa foi a questão que tomei como vertentes para proferir sobre vidas espacializadas na cidade de Belo Horizonte, um município situado em Minas Gerais que lhe empresta a condição de ser capital desse grande estado e se encontra nas lâminas cartográficas deste Atlas. São existências em pertencimento espacial de bebês e crianças, são enunciações languageiras sobre seus territórios, suas paisagens, seus lugares, suas redes. Todo ser humano, em sua condição de humanidade, possui, além de seu lastro histórico, seus alinhavos geográficos. Nasce-se nos tempos mas também nos espaços. Em cada bebê e criança, em cada adulto ou outros seres e coisas, há uma topogênese que não pode ser desconsiderada. A cartografia, aos poucos, tem se aproximado da perspectiva de bebês e crianças. Não tem sido uma aproximação tranquila pois, além de conceber os bebês e crianças como seres a-espaciais, a cartografia tradicional reduziu os mapas às superfícies a serem percorridas e/ou pontos de localizações. Na geopolítica colonial do fazer cartográfico, temos um topoadultocentrismo que tornou

os mapas mudos. Contudo, a concepção de uma cartografia com os bebês e crianças tem se consolidado e permitido outros tipos de mapas: aqueles que são falantes. É isso o que temos aqui: mapas que pronunciam e anunciam as formas peculiares de bebês e crianças vivenciarem seus espaços, sua ética e coragem em dizer sobre seus locais de existência. Os mapas infantis são inteiros de vida, não são planificações. Declamam-se em muitas gramáticas que trazem para o universo cartografado a lealdade com a paisagem. Não sabemos até hoje o porquê do vocábulo Atlas ter dado nome a um conjunto de lâminas que afiguram espaços. A maior parte dos argumentos converge para a figura do titã Atlas (Ἀτλας), condenado por Zeus a carregar o mundo, os céus, a abóboda celeste em suas costas eternamente. Assim, o Atlas seria o livro que, em correspondência ao titã, carregaria infundavelmente os locais. A despeito da origem do nome, temos aqui um Atlas que traz a justiça existencial e a amorosidade em portar os muitos bebês e crianças da cidade de Belo Horizonte, valorizando suas espacializações e suas muitas formas de cartografar o vivenciado. O horizonte é

sempre encontro, o encostar a linha da superfície terrestre no céu sobre nós, o que nos faz lembrar que todo viver se faz assim, avizinhado. É isso que é esse Atlas no proporciona: um belo horizonte das vivências espaciais de bebês e crianças da cidade que possui o mesmo batismo.

Jader Janer
Outono de 2024

REALIZAÇÃO:



APOIO:

